



Silva, S. (2014). Literatura para a infância no período do Estado Novo: voltar a ler Maria Cecília Correia. In F. Viana, R. Ramos, E. Coquet & M. Martins (Coords.), *Atas do 10.º Encontro Nacional (8.º Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração* (pp. 429-436) Braga: CIEC – Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho (CDRom – ISBN 978-972-8952-31-0).

Literatura para a infância no período do Estado Novo: voltar a ler Maria Cecília Correia

Sara Reis da Silva

CIEC – IE – Universidade do Minho
sara_silva@ie.uminho.pt

Resumo

Durante a vigência salazarista, a literatura preferencialmente destinada às crianças, como a literatura canónica em geral, viveu espartilhada por uma norma, imposta, em 1950, pela Direção dos Serviços de Censura: *Instruções sobre Literatura Infantil*. Conquanto desconheçamos, no seu alcance ou amplitude, o que, neste domínio estético em concreto, se "escondeu", assinalamos a existência de uma mais ou menos prolífica atividade literária por parte de vários autores, alguns deles, aliás, consolidando a sua produção após Abril de 1974. Foram os casos de Sophia de Mello Breyner, Matilde Rosa Araújo, Ilse Losa, António Torrado, Luísa Ducla Soares, Papiniano Carlos ou Maria Cecília Correia, apenas para citar alguns exemplos. Intentando singularizar a obra da última autora mencionada, Maria Cecília Correia (1919-1993), procederemos a uma análise textual de *Histórias da Minha Rua* (1953) e *Histórias de Pretos e de Brancos* (1960), centrando-nos nas suas principais linhas ideotemáticas e nos seus mais relevantes mecanismos retórico-estilísticos.

Abstract

Children's literature during Salazar's govern. Reading again Maria Cecília Correia. During Salazar's govern, children's literature, such as canonical literature in general, lived corseted by a rule, imposed in 1950 by the *Direção dos Serviços de Censura: Instruções sobre Literatura Infantil*. In spite of ignoring, in its scope or breadth, which, in this aesthetic domain, in particular, was "hidden", we can point out the existence of a more or less prolific literary activity by various authors, some of them, incidentally, consolidating its production after April 1974. Take, for instance, the cases of Sophia de Mello Breyner, Matilde Rosa Araújo, Ilse Losa, António Torrado, Luísa Ducla Soares, Papiniano Carlos or Maria Cecília Correia. Attempting to single out the work of the last mentioned author, Maria Cecília Correia (1919-1993), we proceed to a textual analysis of *Histórias da Minha Rua* (1953) and *Histórias de Pretos e de Brancos* (1960), focusing on its main thematic lines and on their most relevant rhetorical-stylistic mechanisms.

Introdução

As singularidades sistémicas da Literatura para a Infância (Shavit, 2003; Weinreich, 2000) parecem ter determinado a relativa desertificação ou a inconsistência da abordagem crítica de que tem sido alvo no domínio da historiografia, sendo, regra geral, ignorados “pontos nodais” de índole temporal, topográfica, institucional e figurativa (Cunha, 2011).

Um dos períodos históricos cuja “leitura historiográfica” se encontra ainda por concretizar com profundidade e intuito sistematizador, sendo marcante e ainda recente, corresponde ao intervalo de tempo compreendido entre a instauração do regime de ditadura nacional (1926) e o 25 de Abril de 1974. Com efeito, durante a vigência salazarista, a literatura preferencialmente destinada às crianças, como a literatura dita canónica em geral, viveu espartilhada por um regime coativo, explicitamente imposto em 1950 pela Direção dos Serviços de Censura através de um documento normativo, de autoria não identificada, intitulado *Instruções sobre Literatura Infantil*. Conquanto desconheçamos, ainda, no seu alcance, profundidade e amplitude, o que, neste domínio estético – chamemos-lhe assim – em concreto, se “escondeu”, podemos assinalar, como em outro lugar (Silva, 2008) sinteticamente concretizámos, a existência de uma reconhecida e mais ou menos prolífica atividade literária por parte de um conjunto de autores, alguns deles, aliás, ampliando e consolidando a sua produção nos anos subseqüentes a Abril de 1974. Foram os casos de Sophia de Mello Breyner, Matilde Rosa Araújo, Ilse Losa, António Torrado, Maria Alberta Menéres, Luísa Dacosta, Luísa Ducla Soares, Papiniano Carlos, Alves Redol, Maria Rosa Colaço ou Maria Cecília Correia, apenas para citar alguns exemplos.

Parcela de um estudo que se pretende mais alargado, este ensaio, de raiz hermenêutica e de contornos monográficos, incide sobre a figura literária e sobre uma parte da obra da última autora evocada, Maria Cecília Correia (1919-1993). Trata-se, com efeito, de uma das autoras, muito discreta que – a par, por exemplo, de Lília da Fonseca, Esther de Lemos ou Maria Lamas –, no nosso entender, deve/pode ser entendida como um dos “pontos nodais” figurativos da história da literatura para a infância, em particular no período do Estado Novo, e cuja escrita, até à data, não teve ainda, na nossa perspetiva, a merecida atenção e receção críticas (designadamente, no âmbito académico).

Na realidade, não deixa de intrigar o facto de, em 1972, naquela que podemos encarar como a primeira abordagem panorâmica da literatura infantil em Portugal (no opúsculo assim intitulado), e por ocasião da Exposição de Livros Infantis da responsabilidade do Ministério da Educação Nacional/Direcção-Geral da Educação Permanente, Esther de Lemos omitir a alusão a Maria Cecília Correia, conquanto o seu primeiro livro, *Histórias da minha Rua*, tivesse vindo a lume em 1953 (sendo galardoado com o Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho) e, logo em 1960, fosse dado à estampa *Histórias de Pretos e de Brancos*. Observa-se exatamente a mesma omissão no verbete

dedicado à literatura infantil que integra o 1.º volume do *Dicionário de Literatura* (Figueirinhas, 1973), dirigido por Jacinto do Prado Coelho e datado de 1973, bem como na *História da Literatura Infantil Portuguesa* (Vega, 1983), assinada por Maria Laura Bettencourt Pires, editada em 1983.

Não deixam de intrigar, já o escrevemos, até porque a primeira edição de *Histórias de Pretos e de Brancos*, como se pode ler numa brevíssima inscrição paratextual, foi feita "por intermédio do Serviço de Escolha de Livros para as Bibliotecas das Escolas Primárias". Trata-se de uma nota que, em última instância, permite deduzir acerca da própria legitimação oficial e aprovação deste livro. Dado à estampa durante o período Salazarista, a sua índole educativa e/ou formativa, ainda que deixada escapar com sábia subtilidade, não pode ser desvalorizada, ainda que (importa sublinhar) este aspeto não obscureça o valor literário e estético da publicação.

Na tentativa de singularizar a obra desta autora e centrando-nos nas suas principais linhas ideotemáticas e nos seus mais relevantes mecanismos retórico-estilísticos, procederemos, assim, a uma leitura e análise textual de *Histórias da Minha Rua* (1953) e *Histórias de Pretos e de Brancos* (1960). A seleção destas duas obras foi norteada pelas seguintes critérios: em primeiro lugar, a época da edição (Estado Novo); em segundo lugar, estes são os dois títulos inaugurais da sua produção literária; em terceiro lugar, têm em comum o facto de terem sido ambos ilustrados pela artista plástica Maria Keil, evidenciando, assim, uma expressiva componente visual, aspeto que será, igualmente, revisitado na nossa abordagem. Note-se que, em 2010, Miriam Reis apresentou a tese de Mestrado *Um Livro Vivo (Transposição para a WEB do livro para crianças Histórias de Pretos e de Brancos)*, trabalho que, em última instância, atesta algumas das potencialidades artísticas da construção estética da referida ilustradora, dando visibilidade naturalmente também ao texto que motivou esta construção.

Análise das obras seleccionadas

A primeira obra seleccionada, ou seja, a primeira publicada por Maria Cecília Correia, *Histórias da Minha Rua* (1953, 1975, 1977, 2001) surge no início dos anos 50 do século XX e conta com uma original composição visual de Maria Keil. Sobre este volume escreve Natércia Rocha, em *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal* (2001):

Com pequenos apontamentos que se fazem contos, Maria Cecília Correia marca a sua presença e publica *Histórias da Minha Rua*, obra premiada pelo SEIT em 1953. Nos livros que se seguiram, a Autora mantém profunda ligação ao quotidiano e um estilo conciso e directo ao serviço de um olhar relanceado, mas não superficial." (p. 89).

E acrescenta, ainda:

Os pequenos contos, de traçado rápido e olhar posto no factual, constituem o elemento primordial da obra de Maria Cecília Correia. Neste período [últimos anos da década de 60 e primeiros da de 70 do século XX] são publicados vários títulos em que a Autora se não afasta do estilo adoptado em *Histórias de Pretos e Brancos* (1960) (p. 106).

Já Patrícia Joyce, numa recensão datada de 1961, classifica estas primeiras narrativas de Maria Cecília Correia como "Historiazinhas bem apresentadas, com pouco conteúdo. Algumas são meras impressões".

Com efeito, e retomando as duas perspetivas transcritas, em *Histórias da Minha Rua*, predominam apontamentos de teor naturalista, registados com sensibilidade e num discurso sempre muito próximo do potencial destinatário. São, por conseguinte, diversas as narrativas nas quais flores, quase sempre com voz própria audível e muito humana (por exemplo, *História da Rosa*, *História da Rosa que saiu do jardim*, *História da Flor Amarelinha*), árvores (*História do pessegueiro que falava com as pessoas*) ou animais (como o cão piloto de *História do Chico e da Angelina*, o casal de coelhos da *História do Cândido e da sua Lojinha* ou *História do Coelho Verde*).

A estas narrativas, juntam-se, ainda, outras cujo conteúdo se afigura manifestamente descomprometido (e, até, em certa medida, constrangedor se lido à luz dos pressupostos eufemísticos/suavizadores de algumas tendências recetivas da contemporaneidade e a exigir uma mediação leitora). Referimo-nos, por exemplo, à recriação ficcional de situações de pobreza extrema, como sucede em *História do Chico e da Angelina* e como atesta, por exemplo, a seguinte passagem:

O Chico e a Angelina eram pobres. (...)

Viviam numa barraca muito velha, no meio de outras barracas velhas, lá para o outro lado do rio, mas ainda muito longe do rio. Todos ali eram pobres, todos berravam uns com os outros, mas todos eram amigos e se ajudavam, até a preta Rosa, que viera de África há muitos anos e tinha já dois mulatinhos crescidos. (Correia, 1953).

E o mesmo poder-se-ia afirmar acerca do brevíssimo relato, quase um fragmento, intitulado *História da Menina Tonta*, texto que, em última instância, propõe um especial (re)posicionamento face à diversidade.

Trata-se, na realidade, de um conjunto de textos muito singulares do ponto de vista da configuração ideotemática, textos nos quais se cruzam vetores semânticos verdadeiramente incómodos/invulgares no contexto sociopolítico em que vieram a lume. Efetivamente, observa-se, por exemplo, a ficcionalização assídua neste pequeno volume de

tópicos como a liberdade. A este título, releiam-se, por exemplo, os contos *História da Flor Amarelinha* ou *História do coelhinho verde*.

Os belos quadros visuais da coletânea, pontuando todas as páginas da obra e cimentando a coerência e coesão internas da publicação – porque este parece ser, efetivamente, “o primeiro livro [de Maria Keil] com ilustrações exclusivamente pensadas e sentidas para crianças (Santos, 2004, p. 9) –, prendem o olhar, fixando-o em elementos mais ou menos comuns ou do quotidiano, como animais, plantas, objetos e pessoas “vulgares”. São, pois, evidentes nesta obra escrita por Maria Cecília Correia marcas da inconfundível linguagem gráfica da artista plástica em questão, designadamente “o recorte das figuras, a simplicidade dos motivos, a ausência de claro-escuro, os fundos neutros e a estilização graciosa e directa” (Santos, 2004, p. 9). São aspetos que sedimentam essa “realidade amável”, “harmonia envolvente” e “apetecível humanidade” (Azevedo, 2001, p. 173) tantas vezes atribuídas a arte de Maria Keil.

São vários os elementos similares, tanto ao nível ilustrativo, como ao nível verbal, entre o primeiro volume analisado e o segundo editado por Maria Cecília Correia. *Histórias de Pretos e de Brancos*, inscrição titular à qual se adiciona, na folha de rosto, a expressão “e histórias da noite”, é originalmente publicada em 1960, com a chancela das Edições Ática, integrando-se na coleção Infantil Ática, um conjunto de títulos iniciado com o título *Os Dez Anõezinhos da Tia Verde Água* (1945), de António Sérgio, e no qual se incluem também outros nomes reconhecidos e já clássicos da literatura portuguesa para a infância. Referimo-nos, a título meramente exemplificativo, a Sophia de Mello Breyner, com *A Menina do Mar* (1958), Esther de Lemos, com *Borboleta sem Asas* (1958), José de Lemos, com *O Sábio que Sabia Tudo* (1957), Maria Isabel Mendonça Soares, com *O Marujinho que perdeu o Norte* (1958), ou Ricardo Alberty, com *A Galinha Verde* (1959).

Como alguns dos títulos que compõem a referida coleção, também este segundo livro de Maria Cecília Correia se encontra inacessível à maioria dos leitores contemporâneos, uma vez que não voltou a ser editada, podendo ser somente lida em bibliotecas ou, muito pontualmente, em certas coleções particulares.

Uma dezena de narrativas breves, simples e com uma composição condensada – a saber, *Retrato de uma pretinha*, *História de uma laranja oferecida*, *Brincadeira debaixo da cama*, *Os gatos vadios da ilha*, *Brincadeiras novas*, *A feira* e *O pinheirinho novo*, além de outros três títulos, já sob a designação de *Histórias da noite*, *A Cila*, *O Pedro*, *A Clara* e *o Tonio* – são dadas a ler nesta obra, contando todas com ilustrações de inegável qualidade assinadas por Maria Keil, “um exercício gráfico de grande agilidade de traço, inventividade de mancha colorida e qualidade de estilização” (Santos, 2004, p. 9).

A simplicidade e a concentração, designadamente ao nível actancial, são aqui evidentes. Se pontualmente se observa a presença de um conflito a solucionar – como

sucedem em *O pinheirinho novo* –, na maioria dos casos, o discurso reveste-se de um notório pendor contemplativo e descreve ou recria afetivamente figuras infantis – veja-se, por exemplo, *Retrato de uma pretinha*.

De facto, no que concerne às personagens, constata-se a presença reiterada de protagonistas infantis e, muito particularmente, a valorização de etnias diferentes – como Dominguinhas, a “pretinha” (designação óbvia e naturalmente desviada do discurso corrente da atualidade) – e de origens sociais também variadas – por exemplo, do campo/meio rural e da cidade, como em *Brincadeiras novas*. As interações sociais entre as figuras infantis, bem como entre estas e as figuras adultas caracterizam-se por um humanismo e por uma harmonia notórios.

O “desenho” do tempo e do espaço, além de sugerir uma certa intemporalidade/atemporalidade, valoriza a recriação de espaços citadinos vs. espaços rurais, de cenários naturais/naturalistas e de ambientes familiares. Acresce, ainda, o facto do exterior e/ou da vida ao ar livre ganharem uma significativa relevância.

A infância emerge como a mais relevante isotopia da obra em pauta, como, na realidade, testemunham, quer as palavras de Maria Cecília Correia, quer as ilustrações de Maria Keil. Os contos em análise desvendam um conhecimento sensível do universo infantil, aqui recriado delicadamente em várias das suas facetas: imaginação infantil, jogos, brinquedos e brincadeiras das crianças (tanto das meninas, como dos meninos), o gosto pelos animais e pela natureza, as ligações familiares e os afetos, em geral (maternidade e fraternidade). Outra linha ideológica estruturante, que, aliás, se reveste de assinalável atualidade, assenta na diversidade, tópico corporizado na ficcionalização de temas como o multiculturalismo, a tolerância, a aceitação da diferença, as diferenças sociais (harmonizadas) e o respeito pelo Outro. Uma nota, igualmente, para assinalar o facto de, no conto *Gatos vadios da ilha*, se versar, além de outras, uma das temáticas fraturantes da literatura que tem a criança como potencial recetor, a morte.

Uma série de estratégias discursivas rendibilizam alguns dos sentidos fundamentais das narrativas em análise. Pautados por um discurso acessível, tanto do ponto de vista lexical, como sintático, estas captam, de igual modo, a atenção do pequeno leitor pelo registo coloquial, por vezes, dialógico e com marcas de oralidade. Do ponto de vista estilístico, ainda, e de forma resumida, destacam-se a enumeração (por exemplo, em *A feira*), a personificação, a metáfora e a comparação. A título exemplificativo, releia-se a seguinte passagem do conto *Brincadeiras novas*:

O dia parecia que ia ficar sem sol. As nuvens andavam baixinhas, quase ao alcance das mãos dos homens mais altos e passavam como bocadinhos de algodão desfiado. Lambiam o cimo dos montes, como a língua da vaca lambia o bezerrinho novo. (Correia, 1960).

Muito significativas são também a adjetivação expressiva, frequentemente dupla, bem como as sugestões sensoriais, muitas vezes resultando em representações de carácter sinestésico, como atestam passagens como: "(...) tinha uns faróis pintados de encarnado, que se mexiam para todos os lados. O motor era às riscas azuis e brancas. E as rodas tinham flores de pétalas azuis (Correia, 1960) e "As ovelhas que se vendiam enfeitadas e pintadas de cores, os chifres com bolas vermelhas e azuis" (Correia, 1960), no conto *A feira*, ou "Longe da cidade, junto ao mar, sem mais casas, nem luz elétrica, outros meninos gritavam também quando viam a lua. Os seus olhos grandes brilhavam e pareciam maiores com o luar" (Correia, 1960) ou "À sua volta, o escuro era cheio de ruídos que eles não conheciam" (Correia, 1960), em *A Clara e o Tonio*.

Sumariamente, os textos aqui revistos são tecidos por "um fio de humanidade fraternal" que "atravessa o cotidiano das personagens, o seu mundo de 'faz de conta' com a importância devida à realidade simultaneamente frágil e poderosa da criança" (Freire, 1973).

Algumas reflexões finais

Para concluir, lembramos, por exemplo, que José António Gomes, em *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude* (1997), alude à primeira obra publicada por Maria Cecília Correia e, referindo-se à sua autora, não deixa de, em nota de rodapé e na conclusão do seu estudo, a incluir no conjunto de nomes que, noutro contexto, diferente do da sua breve panorâmica histórica, mereceriam melhor atenção.

Com efeito, as obras analisadas são singulares, sendo a primeira das quais, como mencionámos, premiada pela SEIT. Ambas substantivam a profunda ligação ao quotidiano, em particular infantil, olhado genuinamente e recriado num discurso verbal vivo, natural e espontâneo, através do qual se aproxima do potencial leitor temáticas como o elogio da diferença, por exemplo. Globalmente, parece-nos possível concluir que as narrativas relidas testemunham a posição humanista da autora. A riqueza estética, o cuidado plástico, a assinalável expressividade verbo-icónica ou a sensibilidade ideotemática distinguem os dois volumes. Estes e outros aspetos, que descodificámos e aprofundámos, na medida do possível, neste ensaio, permitem dilucidar e reconhecer a presença e o significado de Maria Cecília Correia na História da Literatura Portuguesa para a Infância.

Referências bibliográficas:

- Azevedo, F. (2001). Inconfundível Maria Keil. In *Histórias para gente de palmo e meio*. (pp. 171-173). Lisboa: C.M.L.
- Correia, M. (1953). *Histórias da Minha Rua*. Lisboa: Avis Rara.
- Correia, M. (1960). *Histórias de Pretos e de Brancos*. Lisboa: Edições Ática.
- Cunha, C. (2011). A História Literária no Século XXI. In J. A. Silva, J. C. Martins & M. Gonçalves (Orgs), *Pensar a Liter@tura no Séc. XXI* (pp. 299-305). Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia – Universidade Católica Portuguesa.
- Freire, N. (1973). *Histórias de Pretos e de Brancos* (recensão). Acedido a 23 de junho de 2014 em: <http://www.leitura.gulbenkian.pt/index2.php?area=rol&task=view&id=7061>
- Joyce, P. (1961). *Histórias da Minha Rua* (recensão). Acedido a 23 de Junho de 2014 em: <http://www.leitura.gulbenkian.pt/index2.php?area=rol&task=view&id=7062>
- Joyce, P. (1961). *Histórias de pretos e de brancos* (recensão). Acedido a 23 de junho de 2014 em: <http://www.leitura.gulbenkian.pt/index2.php?area=rol&task=view&id=7060>
- Reis, M. (2010). *Um Livro Vivo (Transposição para a WEB do livro para crianças Histórias de Pretos e de Brancos)*. Dissertação de Mestrado, não publicada. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Santos, R. A. (2004). Maria Keil. Um Grafismo de Afectos. In *Maria Keil Ilustradora. Mostra Bibliográfica (Catálogo)* (pp. 7-11). Lisboa: Biblioteca Nacional.
- Shavit, Z. (2003). *Poética da Literatura para Crianças*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Silva, S. R. (2008). O País das Pessoas de Pernas para o Ar. Um olhar sobre a literatura infantil das décadas de 60 e 70, com a imaginação a brincar às escondidas com a censura. In A. S. Paço (Org.), *Os Anos de Salazar - 1970 Marcha Fúnebre: vol. 26* (pp. 154-161). Centro Editor PDA-Planeta DeAgostini.
- Weinreich, T. (2000). *Children's Literature – Art or Pedagogy?*. Copenhaga: Roskilde University Press.